

A EXPERIÊNCIA DO CINEMA: DO PROCESSO AO PRODUTO – AS VIVÊNCIAS E ATRAVESSAMENTOS DE CRIAÇÃO DOS MINUTOS LUMIÈRE.

Fabiane Raquel Canton¹
Indiara Rech²
Valeska Fortes de Oliveira³

RESUMO

O presente trabalho aborda experiências de cinema com alunos do último ano do ensino fundamental, de uma escola pública do centro do estado do Rio Grande do Sul, nas aulas de Língua Portuguesa. Do processo ao produto, os alunos experimentaram as muitas sensações de estar em contato com a sétima arte, vivenciando momentos de expectadores e de produtores. Para este trabalho foram acionados dois dispositivos: o de sensibilização com a sétima arte e o da concepção dos Minutos Lumière. Alguns filmes foram assistidos, obras como os curtas-metragens “Traz outro amigo também” e “Sabiá”. Discussões sobre as temáticas, estruturas dos filmes fizeram parte do trabalho, bem como a produção dos “Minutos Lumière”. A finalização do trabalho aconteceu com a assistência dos Minutos Lumière pelos alunos, momento que cada um pode explicar suas percepções e sentimentos sobre o exercício. As produções retrataram as percepções dos alunos a respeito do que é estar imerso ao mundo do cinema.

Palavras-chave: Aluno; Experiência com cinema; Minuto Lumière.

¹ Apresentadora do trabalho. Licenciada em Letras/UFSM. Professora da Rede Pública Municipal de Restinga Sêca. Mestranda em Educação/PPGE/UFSM. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social GEPEIS/CE/UFSM. Email:fabirachel@gmail.com

² Apresentadora do trabalho. Licenciada em Letras/UFSM. Professora da Rede Pública Municipal de Restinga Sêca. Mestranda em Educação/PPGE/UFSM. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social GEPEIS/CE/UFSM. Email:fabirachel@hotmail.com

³ Orientadora. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação FUE/UFSM e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social GEPEIS/CE/UFSM. E-mail: guiza@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de experiências de cinema com alunos do nono ano do ensino fundamental de uma escola do centro do estado do Rio Grande do Sul. Nas aulas de Língua Portuguesa os alunos dividiram o seu tempo entre o aprender a estrutura e normas gramaticais da língua materna e experimentar as muitas facetas da sétima arte. Do processo ao produto, os alunos puderam vivenciar momentos de expectadores e de produtores. O trabalho foi construído em três espaços, que denominamos: o sensibilizar-se, espaço do cinema, o experimentar e as conversas. Nesse artigo, buscaremos apresentar um pouco das experimentações, dos atravessamentos que a vivência proporcionou a todos que fizeram parte do trabalho.

O SENSIBILIZAR-SE, ESPAÇO DO CINEMA...

O cinema sempre causa um encantamento em quem lhe é apresentado pela primeira vez. Estar em uma sala de cinema é experimentar todas as possibilidades que ele pode nos proporcionar, o permitir-se atravessar-se por uma história, que muitas vezes pode ter muitas coisas em comum com nossa vida ou que nada lembra qualquer sintoma de realidade. Essa aventura proporcionada pela sétima arte muitas vezes não compartilhada por aqueles que não têm acesso aos grandes centros, às salas de cinema, aos cineclubes e, na maioria das vezes, apenas conseguem estar em contato ao que a rede aberta de tevê lhe oferecem. Entendendo que muitos dos alunos que frequentam a escola, onde este trabalho foi desenvolvido, não tem acesso a sétima arte, sentimos a necessidade, enquanto professora e apreciadora do cinema, que eles poderiam ter este contato com a sétima arte o mais próximo possível do que se seria uma sala de projeção. Para isso uma sala de aula foi transformada em uma sala de cinema: Uma grande tela, cadeiras confortáveis, um ambiente escurecido para tornar o espaço um lugar para assistir cinema, pipocas e o “lanterninha”, espécie de orientador, que acompanha os retardatários aos seus lugares.

A proposta de levar o cinema aos alunos parte da teoria de Bergala (2006) que acredita que não assistir filmes de qualidade durante a infância significa perder uma possibilidade que não terá como acontecer com a mesma intensidade mais tarde. Como se as impressões sobre cinema, produzidas nesses primeiros anos, se tornassem uma marca inesquecível na memória afetiva atual. Para o autor, a escola tem um papel importante neste processo, já que ela pode tornar a relação de cinema com o aluno algo mais íntimo, menos formal, proporcionando um encontro com diversos filmes, ampliando o repertório dos alunos e também dos professores, tornando assim possível transformar a criança, no adulto espectador, professor, artista.

Levar aos alunos outras possibilidades de filmes, aqueles que não serão encontrados nas salas comerciais facilmente, assistir muitos títulos, com várias temáticas e estruturas diferentes, enfim, produzir no aluno o gosto, o senso crítico de um espectador de cinema, o prazer da criação, a oportunidade de escolher entre as muitas possibilidades, o qual irá em busca do que lhe for mais semelhante ou daquilo que lhe repugna e instiga e que o faz querer conhecer. Criar no sujeito uma intimidade com o cinema. Estes são foram os objetivos que orientaram o trabalho que aqui apresentamos.

Para iniciar essa viagem ao mundo cinematográfico foi pensado e entendido que é importante ao aluno de escola pública ter uma relação mais íntima com o cinema nacional, até porque, quando for produzir, terá que ter conhecimento sobre o que já foi produzido no contexto nacional. O primeiro filme escolhido para este trabalho foi o curta-metragem gaúcho “Traz outro amigo também”, dirigido por Frederico Cabral, de 2010, adaptado do conto de mesmo nome, do escritor português Yves Robert. A história narra as peripécias de um detetive que é contratado por um homem para encontrar seu amigo imaginário de infância, desaparecido há mais de cinquenta anos. A princípio, o detetive aceita o caso somente pelo dinheiro, mas quando descobre que o amigo procurado é imaginário sente-se perdido, sem saber o que fazer. Mas, quando descobre que seu sobrinho tem um amigo imaginário, começa a utilizar a imaginação das crianças para encontrar a solução para o caso. Nesse processo, acaba encontrando a sua criança, escondida por entre os afazeres da vida adulta.

A temática escolhida não foi aleatória, nas palavras de Rosália Duarte (2006.p.20), “a linguagem cinematográfica tem como princípio favorecer a identificação, o resultado é sempre muito interessante”. Por tratar-se de um tema bastante presente na vida da maioria dos alunos, a questão do abandono ou não das crenças vividas na infância, para tornar-se adultos. As discussões e os atravessamentos provocados pelo filme fizeram muitos pensar sobre sua relação com a infância. Essa aproximação com a sétima arte também foi um retorno aos tempos de criança, muitos se viram representados naquela narrativa, porém outros não tiveram a mesma aproximação com o tema. Entretanto, todos vivenciaram a experiência do cinema.

As duas primeiras sessões foram com filmes escolhidos pela professora, as outras foram de filmes escolhidos pelos alunos, que dentro do que eles entendiam ser interessante, diferente, importante, desafiador, foram discutidos e com a orientação da professora compartilhado pelos colegas. Dentro das temáticas, todas eram aceitas, havia apenas uma condição para a escolha dos filmes, que estes fossem nacionais e respeitassem as discussões feitas previamente. Para entender o que eram essas discussões, sempre depois da assistência dos filmes, eram feitas pequenas reuniões de pauta, sendo a turma dividida em grupos que escolhiam um filme para ser compartilhado, dentro do que o grupo havia entendido ser uma experiência de cinema.

Outro filme escolhido para ser compartilhado dentro deste espaço de cinema e que penso ser relevante para a construção deste relato foi outro curta-metragem gaúcho, de temática também no

mundo da infância. O documentário “Sabiá”, escolhido também pela professora, pois estava dentro das temáticas discutidas pelos alunos. Este curta foi dirigido pelo diretor Zeca Brito, conta a história de um menino que decide que não quer falar e seus avós tentam transmitir a ele a herança cultural dos quilombolas. As belezas naturais e as relações humanas se encontram no Rincão do Inferno na cidade de Bagé. Na obra, o tema da herança cultural é bastante presente, assunto que foi intensamente discutido por todos nas rodas de conversas. A grande parte dos que assistiram ao curta-metragem sentiram-se sensibilizados pela história do menino, não só pela questão de sua origem, mas por outros fatores presentes na narrativa.

Todas essas histórias com suas temáticas diferenciadas contribuíram para a construção de um novo olhar, o olhar para outros tempos, o que para Fresquet (2013, p.102) pode ser entendido como:

Apostamos nas pontes que o cinema nos permite atravessar para olhar para outros tempos, outras culturas, ou para outros modos de estar aqui e agora, que escapa [...]. Um certo cinema que, mais que dizer, nos faz pensar e nos sacode, ativando nosso próprio acervo de memórias e invenções.

O cinema nos traz novas experiências, novos olhares sobre os mesmos espaços, ver e fazer cinema é produzir experimentações, portanto o produzir está no aprender a olhar, a compreender a ausência, os silêncios. Com esses aprendizados e entre tantas experiências trocadas a partir das histórias compartilhadas na grande tela, enquanto expectadores, seus olhos agora se voltam para a outra posição, a de observador para o lugar de produtor, aquele que cria, que constrói uma nova história, sob um novo olhar, com outros sentidos.

O EXPERIMENTAR, FAZER CINEMA COM CINEMA

Nada melhor que aprender cinema com cinema. Parafraseio Fresquet (2007) para contar a segunda parte do trabalho, o espaço da experimentação, a aproximação do cinema com a educação pelo fazer arte. Bergala (2006) e Borurguiois (2006) idealizaram os Minutos Lumière como atividades pedagógicas da Cinémathèque française. Em nosso trabalho, usamos a experiência deles, entretanto adaptada à nossa realidade. Para iniciarmos as nossas aulas de cinema, pedimos que cada aluno trouxesse para a aula equipamentos que tinham em casa para filmagem, entre eles estiveram presentes as câmeras digitais, filmadoras, telefones celulares e outros aparelhos que pudessem ser usados com a função de captar imagens. No dia da oficina, aqui denominada, “oficina de experimentação de cinema” foram projetados alguns trechos de algumas obras cinematográficas dos Irmãos Lumière: “A chegada no trem na estação”(1895), considerado o primeiro filme da humanidade, “A saída dos operários da fábrica Lumière”(1895), e outros também feitos com o cinematógrafo.

Esse exercício foi importante para que todos entendessem as limitações do aparelho e a importância do enquadramento e do tempo, já que o cinematógrafo gravava imagens de até um minuto. Terminada esta primeira parte da oficina, fomos para a prática, todos munidos de seus equipamentos, para construir os seus Minutos Lumière.

É importante, aqui, lembrar as limitações que um cinematógrafo possui e transportá-lo aos equipamentos de hoje. Para isso, foram levados em consideração os gestos cinematográficos de escolha, disposição e ataque (BERGALA, 2002, p. 133) e algumas ideias gerais do que queriam produzir como produto final. O espaço escolhido foi o da escola, dentro e fora dos muros escolares, cada um com o seu olhar a respeito daquele espaço.

A experiência de pensar o lugar, colocar o equipamento para que a imagem que haviam traçado fosse capturada, o estudado acontecesse no espaço de tempo de até um minuto foi colocado em prática, sentido. A experiência inesquecível do ato de criação no cinema, recuperando a emoção de filmar um plano fixo de um minuto, sem a possibilidade de correções ou arrependimentos (FRESQUET, 2012) é compartilhada por meio das palavras de Bergala (2008, p.209-210):

Na prática, constata-se uma experiência inesquecível do ato de criação no cinema, recuperando a emoção de filmar um plano fixo de um minuto, sem a possibilidade de correções ou arrependimentos. O momento de decidir disparar a câmera, a angústia e a esperança diante de tudo que poderia dar certo ou errado para seu plano durante este minuto fatídico, mais intenso que qualquer outro, em que a câmera rodava, era vivido pelos alunos com grande seriedade e gravidade. [...] Quando alguém segura uma câmera e se confronta ao real por um minuto, num quadro fixo, com total atenção a tudo que vai advir, prendendo a respiração diante daquilo que há de sagrado e de irremediável no fato de que uma câmera capta a fragilidade de um instante, com o sentimento grave que esse minuto é único e jamais se repetirá no curso do tempo, o cinema renasce como no primeiro dia em que uma câmera operou.

Estar frente à câmera e decidir sobre o melhor momento de disparar e captar a imagem faz com que o aluno tenha o olhar direcionado para a decisão, sem a possibilidade de corrigir ou se arrepender daquele ato, ficando com a angústia e as esperanças de que pode ter dado certo ou totalmente errado durante o minuto fatídico.

AS CONVERSAS... O CINEMA, A ARTE, A PRODUÇÃO

A experiência do Minuto Lumière produziu nos alunos vivências em relação à criação: o de poder construir um espaço para nele produzir imagens. Todos tinham suas expectativas frente à experiência

de produção, todos após assistir aos filmes, comentá-los, sentiram a vontade de estar no outro lado, o do produtor.

Depois de todos construírem os seus minutos, fizemos uma mostra, para que nesse momento pudéssemos conversar sobre as expectativas, dificuldades e percepções a respeito da experiência. As conversas elucidaram algumas expectativas prévias sobre o trabalho, uma delas, senão a mais importante foi a questão de conhecer mais sobre o fazer cinema, o cinema como arte, outros ao invés, não tinham expectativas, segundo seus relatos, apenas entendiam o Minuto como um trabalho escolar e o fizeram da melhor forma.

Entretanto, mostraram um grande interesse e curiosidade nas apresentações dos Minutos Lumière, falando, a sua maneira, sobre as diversas sensações que lhe foram provocadas na execução do trabalho. Muitos se mostraram encantados com a forma que o espaço escolar, a quadra, a sala de aula, o muro, a biblioteca ficou “eternizada” nas imagens. O seu olhar sobre o trabalho no aspecto, na ótica do fazer, para Favaretto (2004) pressupõe o desafio de “tomar o cinema como instância educativa implica redirecionar as tradicionais questões sobre as relações entre pensamento e sensibilidade, entre juízos de gosto e prazer da fantasia, entre experiência reflexiva e consumo de experiências”.

Os encantamentos provocados no fazer o Minuto Lumière tornou todos os que participaram da experiência mais atentos ao olhar o cinema. Seu olhar de espectador foi remodelado, transformado pela lente do cinema. Quando se está no outro lado da câmera se entende o porquê de se escolher aquele espaço, aquela luz, aquele enquadramento e se exercita o olhar pelos olhos do cinema, se ver sob outra ótica e construir cinema como arte, usando o seu espaço escolar como um espaço da arte, do poder fazer, do “cinema para aprender e desaprender” (Fresquet, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que todas as experiências com cinema na escola são válidas e que ainda estamos iniciando um exercício que nos parece desafiador, o qual muitas vezes propõe exercícios difíceis de criação e que a escola ainda não se sente preparada para tais funções. Entretanto, percebemos que todas as iniciativas que são colocadas de forma a construir um pensamento sobre cinema levam o espaço escolar a uma nova leitura do que é assistir e fazer cinema na educação.

Nas palavras de Fresquet (2007), levando em consideração os elementos da linguagem cinematográfica, entendemos que o imaginário construído a partir dos recursos audiovisuais extrapola o universo comunicativo, estético e ético. Esse imaginário envolve as estruturas cognitivas e amplia o sentido e a percepção de mundo com uma potencialidade pedagógica. O cinema não deve ser visto

apenas como um recurso didático, pois desta forma, deixa de fora todo o seu poder de transformação, a partir da sua criação e produção. A escola deve ser o lugar da invenção, do arriscar-se dentro do (im)possível e do desejável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGALA, Alain. **L'hypothèse cinéma**. Petit traité de transmission du cinema à l'école et ailleurs, Paris: Cahiers du Cinema, 2006.

_____. **A Hipótese-Cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink e CINEAD/UFRJ, 2008.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FAVARETTO, C. Prefácio. In: SETTON, M.G.J. (org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume, 2004.

FRESQUET, Adriana (org.). **Imagens do desaprender**: uma experiência de aprender com o cinema. Rio de Janeiro: Booklink; CENEAD – LISE – FE/UFRJ: 2007. (Coleção Cinema e Educação)

_____. **Cinema, infância e educação**. Anais Anped. GT: Educação e Arte/n.01. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-3495--Int.pdf>. Acesso em 08 de outubro de 2014.

TEIXEIRA, Inês. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Disponível em: . Acesso em 06 de outubro de 2014